

A MULTIPLICIDADE LINGÜÍSTICO-SEMIÓTICA DO GÊNERO MEME: IMPLICAÇÕES DISCURSIVAS PARA O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS

LINGUISTIC-SEMIOTIC MULTIPLICITY OF THE MEME GENRE: DISCOURSE IMPLICATIONS FOR THE PRODUCTION MEANING PROCESS

LA MULTIPLICIDAD LINGÜÍSTICO-SEMIÓTICA DEL GÉNERO MEME: IMPLICACIONES DISCURSIVAS PARA EL PROCESO DE PRODUCCIÓN DE LOS SENTIDOS

Guilherme Melo¹
Jaciluz Dias²
Helena Maria Ferreira³

Resumo: A evolução de tecnologias digitais provoca alterações nos modos de organização dos discursos e, nesse contexto, ganha espaço o meme, um gênero impulsionado pelo advento da internet e das redes sociais. Este estudo tem como objetivo apresentar possibilidades de análises para memes. Para tanto, empreende-se uma pesquisa teórica fundamentada em Bakhtin (1998); Dawkins (2007); Furtado (2019); e Rojo e Barbosa (2015). Além disso, quatro memes são analisados à luz do referencial teórico, explorando potencialidades desse gênero e lançando um olhar mais atento aos recursos linguístico-semiótico-discursivos utilizados. A partir da pesquisa empreendida, os resultados demonstram que, para a realização de uma leitura mais crítica de memes, é relevante assumir uma atitude responsiva ativa, garantindo um posicionamento crítico em relação aos seus discursos.

Palavras-chave: Gêneros discursivos; leitura de memes; textos multimodais.

Abstract: The evolution of digital technologies causes changes in the ways of organizing discourses and, in this context of innovations, the meme gains space, a genre driven by the advent of the internet and social networks. With this in mind, this study aims to present possibilities of analysis for memes. Therefore, a theoretical research based on Bakhtin (1998); Dawkins (2007); Furtado (2019); and Rojo and Barbosa (2015). In addition, four memes are analyzed in the light of the theoretical framework, exploring potentialities of this genre and taking a closer look at the linguistic-semiotic-discursive resources that are present there. Based on the research undertaken, the results demonstrate that, in order to carry out a more critical reading of memes, it is important to assume an active responsive attitude, ensuring a critical position in relation to their discourses.

Keywords: Discursive genres; reading memes; multimodal texts.

Resumen: La evolución de las tecnologías digitales provoca cambios en las formas de organizar los discursos y, en este contexto, gana espacio el meme, género impulsado por la irrupción de internet y las redes sociales. Este estudio tiene como objetivo presentar posibilidades de análisis para los memes. Por ello, se emprende una investigación teórica basada en Bakhtin (1998); Dawkins (2007); Furtado (2019); y Rojo y Barbosa (2015). Además, se analizan cuatro memes a la luz del marco teórico, explorando las potencialidades de este género y acercándose a los recursos lingüístico-semiótico-discursivos utilizados. A partir de la investigación realizada, los resultados

¹ Universidade Federal de Lavras.

² Universidade Federal de Juiz de Fora.

³ Universidade Federal de Lavras.

demuestran que, para realizar una lectura más crítica de los memes, es relevante asumir una actitud activa de respuesta, garantizando una posición crítica en relación a sus discursos.

Palabras clave: Géneros discursivos; lectura de memes; textos multimodales.

Introdução

A contemporaneidade, marcada pelos avanços tecnológicos em vários campos da atividade humana, promove: ampliação de saberes, alteração de comportamentos, ressignificação de limites dos espaços geográficos, bem como a reorganização dos modos de interação. Como consequência, para um pleno convívio no âmbito social, faz-se necessário que os sujeitos estejam aptos a lidar com as diversas formas de linguagem que circulam no cotidiano, uma vez que elas advêm dessas diferentes culturas.

Nesse cenário, merece destaque o meme, um gênero discursivo que, impulsionado pelo advento da internet e, em seguida, pelas redes sociais, tem sido utilizado, de modo notadamente recorrente, entre pessoas de diferentes locais e faixas etárias. Isso se dá, principalmente, porque ele não se limita a predefinições e apresenta-se em diferentes formatos, sendo “[...] acontecimentos discursivos espetacularizados na roda dialógica das conversas do cotidiano” (FURTADO, 2019, p. 17).

Ao aprofundar-se nos estudos a respeito dos memes, percebe-se que eles “[...] desempenham importante papel como força poderosa que molda nossa evolução cultural através de ideias copiadas de indivíduo por indivíduo” (SOUZA, 2014, p. 1469). Graças à linguagem multimodal que se expandiu com as tecnologias digitais na modernidade e com o seu uso no cotidiano social, é correto considerar que os memes não se restringem mais à rede virtual, visto que passaram a se situar nas conversas diárias e a se concretizar em falas, atos e expressões de sujeitos sociais agindo/atuando na vida humana.

Assim, textos multimodais requerem habilidades relacionadas aos multiletramentos, para a plena atuação na vida humana. Nas interações sociais mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação, os sujeitos precisam mobilizar saberes diversificados, entre eles, compreender os efeitos de sentido propiciados pela articulação de diferentes linguagens em um texto. Além disso, esse sujeito precisará entender as condições de produção, circulação e recepção de textos e discursos, pois, sem essas habilidades, ele poderá apresentar limitações para organizar as informações e interpretá-las, no processo de produção de sentidos. Sendo assim, a leitura de memes implica a percepção de um todo, ou seja, da integração dos vários aspectos visuais e verbais que o compõem.

Quando se fala em memes nessa perspectiva, uma das suas principais características se destaca: a liquidez discursiva (FURTADO, 2019). Com a expansão da internet, uma gama de discursos se desenvolveu, a cada segundo, em diferentes espaços, o que, por conseguinte, provocou um processo de competição para decidir o que se mantém ativo e no topo das redes. Tais renovações são impulsionadas por botões como os de comentar, curtir e compartilhar publicações. Desse modo, “[...] os memes são selecionados naturalmente, de forma que as crenças mais bem aceitas, as ideias mais razoáveis, ou simplesmente aquelas que têm maior apelo entre as pessoas, são as que se disseminam com maior eficácia” (CHAGAS, 2020, p. 25).

A partir dessa perspectiva de liquidez nos memes, considera-se, também, certa liquidez dos gêneros do discurso, posto que eles materializam a língua (BAKHTIN, 1998). Assim, percebe-se que os gêneros se desprendem de padrões e, com o passar dos anos, tornam-se mais maleáveis, transmutados. Desse modo, “não só novos gêneros do discurso surgem como também uma nova forma de dizer, mais solta, na qual os enunciadores se sentem livres para dizer o que querem dizer e como querem dizer, principalmente no que tange às ideologias do cotidiano” (FURTADO, 2019, p. 21).

Nesta pesquisa, tem-se como objetivo apresentar características constitutivas que podem qualificar o meme como um gênero discursivo, todavia, sem se incidir na mera rotulação (de os memes serem um gênero ou não), mas de provocar uma reflexão acerca de sua estrutura composicional e de seu funcionamento em contextos sociais, com finalidades discursivas.

A fim de atingir tal objetivo, o trabalho é dividido em quatro partes: a primeira trata sobre os gêneros discursivos sob a perspectiva bakhtiniana da linguagem e, por isso, é apoiada em Bakhtin (1998); em seguida, a partir dos trabalhos de Dawkins (2007) e Furtado (2019), é apresentado um breve histórico sobre os memes, demonstrando avanços de concepções e de abordagens de análise. Na terceira parte, discute-se a ideia de multimodalidade, com base nos estudos de Rojo e Barbosa (2015). E, por último, é analisado, à luz do referencial teórico, um meme que circula em redes sociais. O critério para a seleção desse meme foi considerar qual, entre tantas possibilidades, poderia gerar debates mais relevantes para a pesquisa, além de ir ao encontro da fundamentação teórica.

Os gêneros do discurso sob um viés bakhtiniano

O Círculo de Bakhtin foi composto por um grupo de teóricos russos, em 1926, que se dedicavam ao estudo da filosofia da linguagem e de suas faces (ROJO; BARBOSA, 2015). Para tanto, tomavam o texto, em sua materialidade, sob o prisma do discurso, isto é, como enunciado/enunciação e o encaravam, de forma constitutiva, no acontecimento, o que envolve considerá-lo para além dos aspectos estruturais linguísticos. Assim, tem-se que “[...] cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual foi criado)” (BAKHTIN, 1998, p. 310).

À luz desses aspectos, percebe-se que a linguagem humana busca, de modo inesgotável, representar acontecimentos da vida social cotidiana e, por meio do seu uso multiforme, os sujeitos interagem uns com os outros, em diferentes esferas ou campos de atividade – científica, religiosa, escolar etc. Além disso, para que a comunicação se dê de maneira efetiva, os sujeitos a organizam por meio de enunciados, os quais, conforme os dizeres de Bakhtin (1998), são concretos, ou seja, “[...] um todo⁴ formado pela parte material (verbal ou visual) e pelos contextos de produção, circulação e recepção” (SILVA, 2013, p. 49). Únicos/irrepetíveis (justamente pelo fato de o sujeito, ao proferi-los, estar situado em determinado contexto sócio-histórico, sendo, por isso, marcado espaço e temporalmente) e *relativamente* estáveis (há padrões mais ou menos estáveis, o que permite identificá-los em gêneros do discurso). Os enunciados são produtos da interação entre sujeitos situados em determinado contexto sócio-histórico.

Dessa maneira, a análise, em uma perspectiva do gênero, deve considerar “os aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seu(s) interlocutor(es) e tema(s) discursivos” (ROJO, 2005, p. 199). Vale destacar que todo gênero⁵ implica a interação entre sujeitos, uma vez que é a própria vivência em situações comunicativas e o contato com os diferentes gêneros do discurso que exercitam a competência linguístico-discursiva dos interlocutores.

Assim sendo, para o Círculo, determinados elementos são indissociáveis ao tratar de gêneros discursivos, sendo eles: I) o conteúdo temático, isto é, o que é tido como central; II) o estilo, ou seja,

⁴ A respeito da noção de “todo”, cabe pontuar que a sua delimitação dependerá da unidade de sentido. Isso significa dizer que, assim como uma palavra pequena, como “sim”, pode se apresentar como um enunciado concreto em devido contexto em que se insere, uma pesquisa acadêmica também pode assumir a mesma capacidade de apresentar-se como um enunciado concreto. Logo, não se trata de avaliar tamanhos, mas de investigar sentidos.

⁵ A partir da perspectiva bakhtiniana, tem-se que todo enunciado se manifesta por meio de algum gênero, logo, é possível estabelecer a relação enunciado/gênero. Também, o entendimento de texto, aqui, é importante, pois textos podem ser entendidos como enunciados desde se considere que foram produzidos de um sujeito para outro sujeito, como resposta a algo e que produzirá outra resposta (BAKHTIN, 1998).

o modo de dizer; e III) a forma composicional, que se refere à estrutura utilizada. Ainda, um quarto elemento precisa ser considerado: IV) o fato de serem *relativamente* estáveis, o que deixa claro ser impossível definir categoricamente condições às quais os enunciados devem seguir de maneira estrita.

Ademais, uma divisão, no que se refere aos gêneros, não deve ser deixada de lado: I) por um lado, existem aqueles primários, constituintes de uma linguagem mais informal e, por isso, comumente utilizados em situações do cotidiano que permitem esse emprego; II) por outro, existem aqueles secundários, constituintes de uma linguagem mais formal, os quais costumam se fazer presentes em contextos específicos que, por sua vez, demandam esse tipo de linguagem, como no universo jurídico e no científico.

Pode-se entender, assim, que exatamente pelo fato de os gêneros primários estarem tão presentes no cotidiano social, faz-se preciso que sejam estudados no âmbito escolar e debatidos em pesquisas como esta. Porém, a realidade que temos em muitas instituições de ensino brasileiras é problemática, ao passo que, devido ao *status* social, priorizam os gêneros secundários e relegam os primários a segundo plano, presos à ideia de que estes pouco podem contribuir para o desenvolvimento dos sujeitos como cidadãos, assim como de suas habilidades ligadas à leitura e à produção de textos. Faz-se preciso, pois, mudar esse cenário, de modo a valorizar os gêneros que são tão utilizados, diariamente, pelas pessoas.

Portanto, entender sobre os gêneros discursivos leva o sujeito a refletir sobre o seu papel social frente à linguagem humana, uma vez que, ao utilizar de gêneros para a comunicação, coloca-se, conseqüentemente, a língua(gem) em uso. Ter isso em mente é primordial, pois, ao ampliar a noção a respeito dos gêneros que se fazem presentes em diferentes instâncias, ampliam-se, também, diferentes competências, como as de leitura e escrita. De modo mais específico, ao dominar os gêneros do discurso, o sujeito se torna capaz de identificar estruturas, mecanismos e recursos utilizados em sua composição, além de verificar em que nível esses aspectos são importantes, sobretudo ao estabelecer ligações com outros enunciados. Tudo isso, é claro, em diferentes situações sociocomunicativas.

Os textos e a sua linguagem multimodal

Falar em textos é, hoje, uma tarefa complexa, posto que eles “[...] mudam ao longo da história” (RIBEIRO, 2016, p. 30). Assim sendo, é importante considerar que, com o *boom* dos domínios digitais na contemporaneidade, lançou-se um novo olhar a respeito da noção de textos, principalmente ao perceber que eles podem se constituir não somente de recursos verbais, mas, também, de cores, sons, entre tantos outros, culminando no que se entende como multimodalidade.

Nesse sentido, “texto multimodal ou multissemiótico é aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 108). Tendo isso em vista, conforme explicam as autoras:

Na era do impresso, reservou-se principalmente a palavra ‘texto’ para referir os textos escritos, impressos ou não; na vida contemporânea, em que os escritos e falas se misturam com imagens estáticas (fotos, ilustrações) e em movimento (vídeos) e com sons (sonoplastia, músicas), a palavra ‘texto’ se estendeu a esses enunciados híbridos de “novo” tipo, de tal modo que falamos em ‘textos orais’ e “textos multimodais”, como as notícias televisivas e os vídeos de fãs no YouTube (p. 25).

Entretanto, deve-se ter em mente que a multimodalidade expressa nos textos não é consequência direta do desenvolvimento de tecnologias digitais, pois, por natureza, é impossível a existência de um texto unimodal, mesmo considerando, por exemplo, apenas a modalidade escrita.

Por meio dela, ao produzir um enunciado, o sujeito faz escolhas relativas, pelo menos, à fonte, ao seu tamanho, à sua cor etc. Logo, o que se deve entender é que, com as várias ferramentas propiciadas pelas inovações digitais, os gêneros do discurso estão, a cada dia, mais multimodais.

Os sujeitos, para participar das interações sociais de modo mais ativo e responsivo, precisam ampliar suas habilidades relacionadas às práticas de linguagem nos contextos digitais, o que contempla o conceito de multiletramentos. Isso revela, em linhas gerais, a necessidade de ir além da capacidade de decodificação dos textos para a construção de sentidos, ou seja, a ampliação de habilidades linguístico-discursivas para com a leitura, conjugando a análise das combinações das múltiplas semioses constitutivas dos textos e a multiplicidade cultural em que esses textos circulam, o que se tende a alcançar com a instauração de uma pedagogia dos multiletramentos, conforme proposto pelo Grupo de Nova Londres (GNL).

Uma pedagogia nesta vertente, então, seria capaz de levar para a sala de aula representações multimodais, para não privilegiar apenas a modalidade escrita da língua. Isso acontece, pois, “embora as mídias e seus processos de edição tenham impacto sobre a oferta de eventos de letramento dos cidadãos, a escola continua sendo uma das mais fortes agências de letramento” (RIBEIRO, 2016, p. 47). Como salientam Rojo e Moura (2019):

As novas tecnologias, aplicativos, ferramentas e dispositivos viabilizaram e intensificaram novas possibilidades de textos/discursos – hipertexto, multimídia e, depois, hipermídia – que, por seu turno, ampliaram a multissemiose ou multimodalidade dos próprios textos/discursos, passando a requisitar novos (multi)letramentos (p. 26).

Logo, a ideia de multiletramentos pode ser encarada como bifronte, porque aponta para a diversidade cultural existente em determinado espaço, própria de um determinado povo, além de se voltar para a diversidade de linguagem dos textos que circulam na contemporaneidade, o que implica em uma explosão de letramentos para atuar nas diferentes instâncias, campos e situações da vida (ROJO; MOURA, 2019). Nesse contexto, “o fato é que, hoje, com a propagação dos aparatos tecnológicos e informáticos, a construção textual tem adquirido novos formatos e moldes, o que tem deflagrado novas formas de ler e de compreender textos” (SILVA; SOUZA; CIPRIANO, 2015, p. 137), de modo a não apenas decodificá-los, mas construir sentidos com base no que é expresso por eles.

Isso requer, por sua vez, que seja considerada a interação entre autor, texto e leitor (KOCH; ELIAS, 2008), uma vez que a leitura não se restringe às práticas cognitivas, justamente por ser social. Nesse sentido, evidencia-se a insuficiência que se instaura socialmente ao privilegiar apenas o oral/escrito, pois há muito mais o que explorar por meio das diferentes semioses que se integram para constituírem um texto.

Um breve caminho pela história dos memes

Cunhado pelo biólogo Richard Dawkins, o termo “meme” parte da teoria evolucionista de Darwin para tentar explicar como ocorre a propagação cultural na sociedade. Para tanto, considera que os seres humanos têm, em seus cérebros, um “DNA cultural” denominado meme, grande responsável por passar ideias adiante, assim como hábitos típicos entre as pessoas e demais valores socioculturais e históricos. A nomenclatura “meme” busca, então, fazer um paralelo metafórico com a palavra “gene”, justamente por envolver questões tanto biológicas quanto culturais, caracterizando o meme como o gene da cultura.

Historicamente, explica Dawkins (2007), é sabido que “meme” é uma redução de “mimese”, um termo de origem grega que se aproxima do que se tem na língua portuguesa

como “imitação” ou “memória”. De acordo com o estudioso, para a escolha dessa nomenclatura, foi preciso entender que

o novo caldo é o caldo da cultura humana. Precisamos de um nome para o novo replicador, um nome que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. ‘Mimeme’ provém de uma raiz grega adequada, mas eu procuro uma palavra mais curta que soe mais ou menos como ‘gene’. Espero que meus amigos classicistas me perdoem se abreviar mimeme para meme (DAWKINS, 2007, p. 330).

O meme pode ser considerado “uma unidade de transmissão cultural ou uma unidade de imitação” (DAWKINS, 2007, p. 330), uma vez que, de maneira geral, constitui-se a partir de questões específicas de um povo, podendo estas dizer respeito à política, educação, saúde, enfim, a acontecimentos que, por algum motivo, ganham destaque. Além disso, Dawkins (2007) parte do princípio de que, assim como os genes carregam consigo informações genéticas, é possível dizer que os memes encontram-se incrustados de informações culturais, levando em consideração o paralelo entre meme e gene.

A partir dessa visão, os memes seriam como vírus que se propagam de mente em mente, tendo os seres humanos como hospedeiros, o que recai sobre a ideia de transmissão. Nessa linha de raciocínio, o modo pelo qual os memes são transmitidos entre os sujeitos é denominado de imitação, dependendo de três propriedades ontológicas para permanecerem “vivos”, além da aceitação ou não do receptor: I) a longevidade, que pode ser compreendida como o tempo de existência dos memes em seus hospedeiros; II) a fecundidade: capacidade de o meme se hospedar em um número significativo de cérebros, garantindo a replicação de si mesmo; e III) a fidelidade: o meme deve replicar-se de maneira idêntica (DAWKINS, 2007).

Por volta de 1980, a memética surgiu como uma ciência que se dedicava aos estudos formais dos memes. Até os memes se tornarem o que são conhecidos hoje, a sua própria terminologia passou por um extenso processo de reapropriação ao longo dos anos. Na década de 1990, conforme pontua Chagas (2020), tornou-se comum traduzir piadas e trocadilhos como memes, o que teve grande alcance em grupos *on-line* de debate. No que diz respeito ao contexto brasileiro, destacam-se algumas produções que, em um aspecto ou outro, envolvem a noção de meme, como o site pudim.com.br, criado em 1998 e mantido no ar até hoje, contendo, unicamente, a fotografia de um pudim. Por se tratar de um fenômeno *nonsense*, segue fazendo sucesso com um número expressivo de acessos.

Independentemente da forma como se materializa por meio da linguagem humana, percebe-se um ponto que se tornou comum a todos os memes, especialmente àqueles que circulam no mundo digital: têm no humor um forte aliado para serem replicados, sendo esse sarcástico, irônico ou de qualquer outro tipo. Isso ocorre, pois “[...] é a base de seu projeto de dizer, que se pretende desprendido, solto por assim dizer, refletindo a subjetividade do locutor e a liquidez do gênero” (FURTADO, 2019, p. 150).

Não se pode deixar de considerar, também, a liquidez discursiva dos memes como um aspecto importante que os caracteriza. A seu respeito, conforme explica Furtado (2019):

Os discursos são líquidos não por não terem consistência, argumentatividade, mas por inundarem, transbordarem, respingarem, esvaírem-se, misturarem-se nas práticas discursivas emergindo novas formas de interação intersubjetiva; fazem-se presentes em quantidades expressivas e em múltiplos espaços virtuais nos tempos líquido-modernos (p. 123).

Logo, devido à renovação constante dos discursos que se fazem presentes nas redes sociais, percebe-se a curta temporalidade de circulação dos memes. Como se sabe, eles, normalmente, partem de acontecimentos sociais, assim, o processo de produção de sentidos fica atrelado às condições de circulação de outros textos, tais como notícias, reportagens, *tweets* e *posts* de *Facebook* e *WhatsApp*. Pela recorrência de usos, esse gênero tem apresentado ampla circulação nos contextos digitais e, desse modo, se o intuito é analisá-lo, é preciso considerar as condições de produção, circulação e recepção, bem como a sua articulação com outros eventos comunicativos e sua configuração intertextual e multissemiótica.

Estudar memes, então, se revela como uma possibilidade de não só arejar a produção acadêmica, mas, também, de incorporar “[...] questões promissoras de pesquisa para as investigações em curso. Os memes, afinal, se tornaram *mainstream*” (CHAGAS, 2020, p. 44), ou seja, tendência ou moda dominante. Além disso, como bem dizem Simm *et al.* (2020), “ao se propagar, junto ao seu conteúdo, o meme tende a disseminar, em geral, o resultado de uma leitura crítica do mundo, denunciando realidades, opondo-se a elas ou, simplesmente, validando-as” (p. 154), o que revela, por si só, a riqueza discursiva e a força dos memes.

Procedimentos metodológicos

Para a consecução deste trabalho, dois procedimentos metodológicos foram utilizados, conforme Paiva (2019): I) pesquisa bibliográfica e webliográfica, para que fossem (re)vistas e ampliadas as concepções teóricas utilizadas; e II) pesquisa aplicada, por meio de análise exploratória de um meme que circula em redes sociais. A seleção do meme em questão se deu por meio de pesquisas nas próprias redes sociais. Ele foi escolhido por ser atual e dar base para discussão, tornando possível a realização de análises amplas em uma concepção discursiva. A abordagem desta pesquisa se caracteriza como sendo qualitativa, posto que se busca compreender os modos de organização e de funcionamento dos memes, analisando como as características que lhe são constitutivas permitem a qualificação dos memes como um gênero discursivo.

Proposta de análise

Com base na fundamentação teórica desenvolvida, o meme analisado (Figura 1) é constituído pela representação da boneca Barbie (como personagem principal), acompanhada por dois outros bonecos, que sinalizam para uma condição de vida socioeconomicamente privilegiada, uma vez que se apresentam bem-vestidos e pelo fato de a Barbie ser uma boneca que é adquirida, normalmente, por grupos sociais que possuem maior poder aquisitivo.



Figura 1: Meme da Barbie – Fonte: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/marcelo-rubens-paiva/barbie-na-polarizacao/>

O “meme da Barbie”, como foi batizado pelos internautas, surgiu em 2018, durante o período eleitoral em que Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT) e Jair Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL), disputavam, no segundo turno, a vaga para presidente do Brasil. A partir de enunciados proferidos por Bolsonaro, os quais eram defendidos pelos seus eleitores, sujeitos contrários às suas ideias desenvolveram imagens como a da Figura 1, para criticar um comportamento que, por vezes, revelava tendências homofóbicas, machistas, racistas, entre outras socialmente problemáticas.

Considerar o contexto de produção é essencial, posto que, para a realização de uma análise mais profunda de um meme como o da Barbie, é preciso, antes de tudo, que isso não seja feito de forma isolada, mas, conforme sugere Bakhtin (1998), entendendo que, por se tratar de um enunciado concreto, ele encontra-se inserido em um contexto. Nessa perspectiva, faz-se preciso, também, uma investigação não apenas a respeito de seu contexto de produção, mas de circulação e recepção.

Para a produção de sentidos desse meme, verifica-se a articulação entre diferentes recursos e modos semióticos, os quais evidenciam questões que estão ligadas ao estilo: I) a escolha de bonecos da coleção Barbie sugere a representação de um grupo privilegiado socialmente (bolha), que assume um discurso politicamente correto, mas que se alinha ao posicionamento manifesto por Bolsonaro, que se pauta na amenização, relativização ou negação das diversidades. Assim, a articulação do meme com seu contexto de produção – posição contrária ao posicionamento do atual presidente – contribui para a percepção de uma crítica social, não para um mero entretenimento; II) a centralidade de Barbie atribui à personagem o protagonismo, a responsabilidade pela fala e ajuda a direcionar o olhar do interlocutor para a relação entre ela e os bonecos, sugerindo um acolhimento por parte dela à condição de homoafetividade apresentada pelos amigos; III) a expressão facial da Barbie e a postura corporal dos bonecos imprimem à cena uma representação de bem-estar, de uma relação amistosa; e IV) a presença do enunciado verbal *“Homofóbica, eu?? Inclusive tenho vários amigos gays”* indicia sentidos, entre eles, a reprodução de um discurso do senso comum que “escamoteia” o preconceito a partir do argumento de que ter amizades com pessoas homossexuais indica a não existência de discriminação.

Além disso, o meme também revela uma estereotipação em relação aos bonecos em si, uma vez que, ainda que o boneco Ken não seja um personagem homossexual, são atribuídas e ressaltadas, discursivamente e visualmente, no meme, características tidas como típicas de homens gays, mesmo que essas ideias sejam preconceituosas: os bonecos, por possuírem traços delicados, por se posicionarem para a fotografia em uma postura curvada e por utilizarem roupas bem justas ao corpo, assumem o papel não apenas de amigos, mas de “amigos gays” de Barbie.

Nessa perspectiva, percebe-se que a própria seleção de dois bonecos para compor a imagem apresenta-se como uma escolha que ajuda no indiciamento de sentidos e para o estabelecimento da coesão entre as ideias que o meme pretende passar: homens gays se relacionam amorosamente com outros homens gays, logo, na figura, os dois Kens podem remeter a um casal homossexual. A construção desse enunciado traz em si outro aspecto que pode despertar a atenção dos leitores: a partir do enunciado verbal, tem-se uma crítica irônica à ideia de que basta conhecer pessoas homossexuais para, automaticamente, tornar-se um sujeito que, em hipótese alguma, pode ser considerado homofóbico ou ter atitudes homofóbicas.

Isso revela, então, que a organização linguístico-semiótica contribui para a organização discursiva e, por consequência, traz implicações para os sentidos. Logo, os produtores realizam escolhas, as quais são empregadas na forma composicional, que podem materializar pistas que, por sua vez, indiciam sentidos. A escolha pela imagem de Barbie, por exemplo, não é aleatória:

Rica, loira e magra, a figura da boneca da Mattel, a Barbie, passa a circular pelas redes abordando questões políticas e sociais. De seu mundo privilegiado,

Barbie comenta a situação política do Brasil de 2018 e, posteriormente, sobre o governo Bolsonaro. Por vezes ela aparece sozinha nas publicações, em outras está acompanhada por seu namorado, Ken, figura que exalta o padrão masculino heterossexual, branco e rico, ou com seus amigos. Nos memes podemos observar um processo que transforma os eleitores bolsonaristas em personagens, emitindo suas opiniões que demonstram falta de noção, desconhecimento acerca de temas políticos e sociais, além de um deslocamento social do lugar de fala dos mesmos. A ironia está contida sobretudo no fato de que esses posicionamentos costumam ser proferidos pelos apoiadores ou pelo próprio Bolsonaro (TEIXEIRA, 2020, p. 1130).

Logo, ao provocar o riso, o meme da Barbie não só expõe, como também denuncia pensamentos preconceituosos que existem ainda hoje; tudo isso realizado por meio de um tom sarcástico. Levando em consideração que esse meme foi feito para circular em redes sociais, a sua viralização é uma possibilidade alta. Essa tendência se dá, sobretudo, porque “as redes sociais são palco para uma diversidade de discursos híbridos, formando uma rede de interação, uma arena dialógica em que pessoas de diferentes posicionamentos ideológicos e de diferentes lugares sociais se encontram” (FURTADO, 2019, p. 116). Por isso, os internautas possuem um referente que os permite construir sentidos, mas, ao mesmo tempo, se divertem com essa nova função exercida por Barbie, a qual é construída por meio de sua própria imagem.

Ademais, o meme analisado possui os três componentes específicos apontados por Bakhtin como necessários para que o identifique como um gênero do discurso: ele é estruturalmente representado (apresenta uma estrutura composicional muitas vezes constituída por frases curtas e imagens – organização comum em memes); possibilita a exploração de conteúdo temático (homofobia, comportamento da burguesia, crítica ao governo Bolsonaro etc.); além do estilo (explicita escolhas de linguagem por meio das quais o discurso é materializado sob a forma de um enunciado). Isso significa dizer que esse meme possui uma estrutura *relativamente* estável (uma imagem acompanhada de uma frase), denominada estrutura composicional; explora uma temática social, tal qual os vários que existem da Barbie, revelando, aqui, conteúdo temático; e, por fim, manifesta o estilo de linguagem característico do meme (muitas vezes possui frases curtas, letras em caixa alta, uso de primeira pessoa etc.).

Levando-se em consideração a análise realizada, percebe-se que o meme é um gênero discursivo que utiliza de composições híbridas entre elementos visuais e verbais para a construção de sentidos, podendo dizer respeito a temáticas variadas, estando elas normalmente voltadas a um contexto sociocultural. Nesse sentido, ele funciona como uma espécie de narrativa curta, ao passo que sintetiza discursos, conteúdos e ideologias para, por meio do humor, passá-los adiante, de sujeito para sujeito.

Considerações finais

Ao tomar memes como objeto de pesquisa, percebe-se a riqueza discursiva que os circunda, por aspectos como a liquidez discursiva, a versatilidade composicional, a possibilidade de tratar de temas diversos – muitos deles estando voltados a questões sociais – e, também, a linguagem multimodal. Nessa perspectiva, para uma leitura mais crítica dos memes, é preciso ampliar e aperfeiçoar habilidades relacionadas aos multiletramentos. Isso se dá, sobretudo, porque, graças ao desenvolvimento constante das tecnologias digitais, ser capaz de decodificar textos não é mais suficiente para a atuação na vida humana, haja vista que os textos utilizam da integração de diferentes modos semióticos para a construção de sentidos.

No que se refere aos memes, isso evidencia a necessidade de não apenas lê-los e passá-los adiante, sem se preocupar em investigar seus sentidos, posto que, por envolverem questões sociais, ideologias se fazem fortemente presentes neles que, por vezes, são responsáveis por reproduzir posicionamentos difundidos pelo senso comum, bem como disseminar ideias e posições acerca de uma determinada questão. Como explica Furtado (2019), “o meme, além de rir de si mesmo, ri da sociedade [...] se coloca na contramão da própria crítica, subvertendo-se na ambivalência do discurso oficial e do não-oficial” (p. 242). Memes são poderosos, criativos e ambivalentes, o que implica ter em mente, afinal, que nenhuma escolha, no que diz respeito à sua composição, será aleatória.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1998.

CHAGAS, Viktor. Da memética aos estudos sobre memes: uma revisão da literatura concernente ao campo nas últimas cinco décadas (1976-2019). *In*: CHAGAS, V. (Org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 23-78.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Trad. R. Rubino. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

FURTADO, Rossana. **Os diálogos do cotidiano nas redes sociais: a liquidez discursiva nos memes**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Textos multimodais: leitura e produção**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.

SILVA, Adriana Pucci Penteadado de Faria e. Bakhtin. *In*: OLIVEIRA, L. A. (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 45-69.

SILVA, Silvio Profirio da; SOUZA, Francisco Ernandes Braga de; CIPRIANO, Luis Carlos. Textos multimodais: um novo formato de leitura. **Linguagem em (Re)Vista**, Niterói, v. 10, n. 19, p. 133-159, jan. 2015. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/19/08.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2022.

SIMM, Juliana Fogaça Sanches *et al.* A aula de língua portuguesa como um espaço de promoção do letramento digital: uma proposta de trabalho com o gênero discursivo “meme”. **Revista Polyphonia**, v. 31, n. 2, p. 149-165, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/67101>. Acesso em: 8 mar. 2022.

SOUZA, Carlos Fabiano de. Memes em aulas de português no ensino médio: linguagem, produção e replicação na cibercultura. **Revista Philologus**, ano 20, n. 60, p. 1463-1481, set./dez. 2014.

TEIXEIRA, Laura Pereira. Bem barbiezinha.... fascista: ironia em post. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 1124-1137, 2020. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2722>. Acesso em: 8 mar. 2022.

Sobre os autores

Guilherme Melo: Graduado em Letras (Universidade Federal de Lavras). Tem experiência na área de Linguística Aplicada, com pesquisa nos seguintes temas: práticas de leitura; práticas de letramento e leitura de textos multimodais.

E-mail: whymelo@hotmail.com.

Jaciluz Dias: Doutora em Linguística (Universidade Federal de Juiz de Fora). Mestra em Educação (Universidade Federal de Lavras). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (Faculdade do Noroeste de Minas). Licenciada em Letras – Língua Portuguesa (Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora). Bacharela em Comunicação Social (Universidade Federal de Juiz de Fora). Tem experiência nas áreas de Educação e Formação Docente; Linguística Aplicada e Língua Portuguesa; Tecnologia Educacional e Comunicação, com pesquisa nos seguintes temas: Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual.

E-mail: jaciluzdias@gmail.com.

Helena Maria Ferreira: Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Mestra em Linguística (Universidade Federal de Uberlândia). Possui Curso de Especialização em Linguística (Centro Universitário de Patos de Minas). Graduada em Pedagogia (Universidade Federal de Uberlândia). Graduada em Letras (Centro Universitário de Patos de Minas). Graduada em Letras – Português/Espanhol (Universidade de Uberaba). Tem experiência na área de Linguística, com pesquisa nos seguintes temas: Aquisição da Linguagem, Leitura/Escrita de textos multissemióticos, Textualização de produções multissemióticas, Ensino de Língua Portuguesa, Linguagens e Formação de professores.

E-mail: helenaferreira@ufla.br.